

CENTRO DE HISTÓRIA DA CULTURA

Maria Manuela Tavares Ribeiro

LOUISE WEISS – VIAGENS DE UMA EUROPEIA



Lisboa
2006

LOUISE WEISS – VIAGENS DE UMA EUROPEIA

*Maria Manuela Tavares Ribeiro**

IHTI - FL. Univ. de Coimbra

CEIS20 - U. de Coimbra

Louise Weiss (1893-1983), após a I Guerra Mundial, preocupa-se com denodado interesse em analisar a situação conjuntural da Europa em mutação e redobra essa sua perspicaz atenção no pós-II Guerra Mundial. De facto, durante várias décadas, com uma disciplina exemplar, com uma vontade tenaz e notável método de uma profissional, Louise Weiss percorre, em múltiplas viagens, o mundo em plena transformação. Conhece e dá a conhecer outras civilizações, outros povos, outras culturas¹.

Para além da palavra escrita em jornais, em revistas, em livro, Louise Weiss deixou-nos o registo da imagem, reproduz a entrevista, fixa as vozes, grava as músicas num considerável e sugestivo conjunto de documentários fílmicos.

Das suas *Mémoires d'une Européenne*, o volume intitulado *Tempête sur l'Occident. 1945-1975* é um testemunho eloquente dessa «força da natureza» numa busca incessante que estimula Louise Weiss a observar, a analisar, a compreender as raízes de civilizações diversas no processo de mutação acelerada do mundo. Por isso mesmo, ela não perscruta apenas, mas explora o espaço e embrenha-se nas culturas. Na verdade, como sublinha um seu biógrafo, «la longue vie de Louise Weiss, c'est un siècle—ou presque—tant d'actions que de réflexions»².

Louise Weiss nasce em Arras, em 25 de Janeiro de 1893, no seio de uma família burguesa que reunia tradições da Alsácia, da Alemanha e da Europa Central. O pai, Paul Louis Weiss (1867-1945), alsaciano, de educação protestante, fez os seus estudos na Escola Politécnica e trabalhou em Arras como en-

* Professora da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e Vice-Coordenadora do Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX da Universidade de Coimbra – CEIS20. Homenagem sentida à Professora, à Investigadora, à Académica, mas também à Amiga de sempre, Prof. Doutora Zília Osório de Castro, com o justo reconhecimento pela sua brilhante carreira, pela escola que criou, pelo companheirismo e solidariedade de que eu própria sou devedora.

¹ Veja-se Henri Rieben, «De la Société des Nations à l'Europe communautaire. En suivant les pas de Jean Monnet et de Louise Weiss», préface in *Louise Weiss. L'Européenne*, Lausanne, Fondation Jean Monnet pour l'Europe, Centre de recherches européennes, 1994, p.44.

² Jean Leclant, «Introduction», in *Louise Weiss. L'Européenne, cit.*, p.15. Jean Leclant era, nesta data, Presidente da Associação Europeia dos Amigos de Louise Weiss.

genheiro de minas. Exerceu as funções de inspector e em 1914 superintendia, como oficial superior, a direcção de Minas do Ministério das Obras Públicas, em Paris. A este propósito, Louise Weiss recorda :«Un débat s'était institué, sous la direction de mon père, sur la mise en commun par la France et l'Angleterre de leurs ressources en fer et en charbon, oh! pour la durée de la guerre seulement. L'idée de ces accords était nouvelle. Quel remue-ménage dans les esprits. On verrait davantage si elle se matérialisait également par des accords industriels et financiers. Il fallait tellement de charbon pour toujours plus de munitions! J'entendis alors pour la première fois mentionner le nom de Jean Monnet»³.

A mãe, Jeanne Javal (1871-1956), era oriunda de uma numerosa família judia, em que se destacam, para além do seu pai, reconhecido médico, banqueiros e comerciantes que haviam enriquecido com a venda de produtos raros e que estabeleceram redes comerciais pela Europa e nos Estados Unidos. Pelas suas raízes familiares, mas não só, a mãe de Louise Weiss era verdadeiramente Europeia.

Jeanne Weiss tinha herdado dos seus antepassados um arreigado sentimento patriótico e o gosto pela política. Com o marido, Paul Weiss, organizava todos os anos a sempre esperada peregrinação às terras alsacianas. Os pais de Louise procuravam, também desta forma, inculcar nos seus filhos sentimentos profundos – o patriotismo e o amor à República. Como refere Célia Bertin: «Les enfants aprirent ainsi, sur le terrain, les drames qu'avait engendrés, au sein des familles, la perte de cette province»⁴. Recorde-se, ainda, a este propósito: «Ceux qui croient à l'hérédité retrouvent sans surprise les traces brillantes de ces qualités chez Louise Weiss et dans les récits de *Mémoires*»⁵.

Como Robert Schuman, Jean Monnet, Konrad Adenauer e Alcide de Gasperi, Louise Weiss é uma mulher de fronteira, e esta fronteira é traçada pelo Reno, o rio simultaneamente separador e unificador⁶, qual «arbre gigante qui dessine le cœur de l'histoire européenne, de ses empires, de ses nations et de son union à venir»⁷, como o define Victor Hugo. E acrescenta este escritor:

³ Louise Weiss, *Mémoires d'une Européenne*, t. II, *Combats pour l'Europe, 1919-1934*, Paris, Albin Michel, 1979, p. 57.

⁴ Célia Bertin, *Louise Weiss*, Paris, Éditions Albin Michel, 1999, p. 28. Leia-se ainda Claude Tixier et Gudrun von Nida, «art. cit.», in *ob. cit.*, pp. 99-135 e Martin Nathusius, «Les origines alsaciennes de Louise Weiss. Eléments de son ascendance paternelle», in *Louise Weiss. L'Européenne, cit.*, pp. 137-183.

⁵ Claude Tixier et Gudrun von Nida, «L'ascendance maternelle de Louise Weiss», in *Louise Weiss. L'Européenne..., cit.*, p. 126.

⁶ Leia-se Maria Manuela Tavares Ribeiro, « Victor Hugo – o Profeta dos Estados Unidos da Europa », in *Portugal e o Outro : Imagens e Viagens*, Aveiro, Universidade de Aveiro, 2004, pp. 13-24.

⁷ Victor Hugo, «Le Rhin, lettres à un ami», in *OC, Voyages*, Paris, Laffont, pp. 99-100.

«noble fleuve, féodal, républicain, impérial, digne à la fois d’être français et allemand... ce fleuve des guerriers et des penseurs, dans cette vague superbe qui fait bondir la France dans ce murmure profond qui fait rêver l’Allemagne»⁸. Rio este por onde se faz a circulação de pessoas, de bens, de ideias, lugar de passagem de exércitos, de homens, de riquezas. O Reno do viajante, referente histórico, espaço simbólico, também ele ponto estratégico das relações franco-alemãs e centro da Europa. Lembrem-se, de novo, as palavras hugolianas: «c’est là que la civilisation européenne trouve ses fondations pour se construire...»⁹.

Louise Weiss frequenta o liceu com outras jovens da burguesia liberal. É a sua mãe Jeanne que, como toda a família dos Javal, prefere a escola laica e republicana. É também sua a decisão de enviar Louise para o liceu Molière¹⁰, pese embora a reserva paterna. Com dezassete anos, acaba o ciclo liceal, laureada e com vários prémios. Seu pai não hesita então em exclamar: «Et maintenant, trêve de plaisanterie! À la soupe! En Allemagne»¹¹. Porém, Louise Weiss irá aperfeiçoar a sua aprendizagem da língua alemã e inglesa e conclui a agregação em letras, na Universidade de Oxford, em 1911. Nesse mesmo ano, viaja num cruzeiro até à Síria e à Palestina. A convite de seu pai, percorre em Agosto de 1912, terras de Espanha: Léon, Orense, Vigo e ainda terras de fronteira de Portugal.

É importante sublinhar como lhe interessaram as condições de vida das populações do interior de Espanha. Regista-as, com pormenor, e não deixa de exprimir a sua indignação «par le spectacle de son chaos, de son ignorance, de son dénouement»¹². A sua observação atenta e análise crítica pressupunham, todavia, um conhecimento do contexto histórico e político dos acontecimentos, dos factos, dos movimentos políticos, sociais, culturais¹³. A jovem agregada em letras é então estimulada pela necessidade de servir a França, em 1914. Ela descreve com detalhe a complexa situação da Europa e interroga-se: «ce

⁸ *Idem*, p. 109.

⁹ Apud Nicole Savy, «L’Europe de Victor Hugo: du gothique au géopolitique», in *L’Europe, naissance d’une utopie? Genèse de l’idée d’Europe du XVIème siècle au XIXème siècles*, coord. par Michèle Madonna Desbazeille, Paris, L’Harmattan, 1996, p. 180.

¹⁰ «Au lycée, comme il se doit, elle obtient sans grand effort les premières places et ses rapports avec les autres élèves sont bons» (Célia Bertin, *ob. cit.*, p. 38).

¹¹ Louise Weiss, *Mémoires d’une Européenne*, t. I, *Une petite fille du siècle 1893-1919*, Paris, Albin Michel, 1978, p. 94.

¹² Louise Weiss, *Mémoires d’une Européenne*, t. I, *Une petite fille du siècle, 1893-1919*, *cit.*, pp. 121 e ss.

¹³ A sua obra *Mémoires d’une Européenne*, em seis volumes, constitui a única fonte de informação já que jornais, cadernos de notas e correspondência, que Louise Weiss mantém com várias personalidades da Europa no período entre as duas guerras, desapareceram. O acervo documental existente data sobretudo do pós-II Guerra Mundial.

qu'est la guerre, comment celle-ci affecte les hommes et comment lutter pour tenter de l'éradiquer des consciences qui la considèrent comme une inévitable catastrophe naturelle?»¹⁴.

Mas é precisamente a sua «alma pacifista» que a incentiva a concretizar um desejo estimulante – ser jornalista. Assim, inicia a sua colaboração no periódico *Le Radical*. Assina os seus artigos com o pseudónimo Louis Lefranc. Como ela própria afirmava, «le journalisme m'enivrait». E os seus textos colheram aceitação e mesmo considerável sucesso¹⁵. Compreende-se que Louise Weiss se tivesse preocupado com uma carreira no campo do jornalismo político. De facto, não a cativava a função pública. O reconhecimento do seu valor pessoal era uma prioridade, num meio, como outros tocados pela guerra.

As relações familiares e sociais permitiram-lhe consolidar um lugar na sociedade parisiense, em particular, nos meios intelectuais: Paul Claudel (1868-1955), Jean Giraudoux (1882-1944), Anatole France (1844-1924), militares como Peppino Garibaldi (descendente do herói italiano) e Gabriele d'Annunzio (1863-1938), já então um nome bem reconhecido a nível literário. Poeta este que entusiasmou Louise Weiss. Reconhecia-o, como diz claramente, «incroyablement laid et charmant»¹⁶.

Teve então o convite para testemunhar, em Quarto, perto de Génova, o Tratado de 26 de Abril de 1915 entre a Itália e os Aliados. O carimbo da cerimónia e a descrição dos acontecimentos deixou-os num artigo, o primeiro publicado no estrangeiro, no jornal *La Vie féminine*. Na verdade, a sua ambição e os seus projectos não se realizavam, tão-só, nos limites destas folhas periódicas. Os meios políticos atraem-na. Consciente do seu talento, a jovem Weiss tem necessidade de uma tribuna livre que lhe permita divulgar as suas experiências de viagem, as suas ideias, mas também que lhe permita demonstrar o seu sentido prático, bem pragmático, as suas tomadas de posição, influenciando, pelo seu empenhamento, decisões importantes.

A vida, mais imprevisível do que inventiva, iria abrir-lhe novas oportunidades.

¹⁴ Leia-se Louise Weiss, *ob. cit.*, t. I, p. 203. Durante a I Guerra Mundial, Louise Weiss foi enfermeira e teve uma acção meritória junto dos refugiados e no tratamento dos feridos. Como ela própria confessa: «Je voulais comprendre la guerre et aider à la victoire autrement qu'en garde-malade et en gestionnaire de clinique» (Louise Weiss, *Mémoires d'une Européenne*, *cit.* t. I, p. 196).

¹⁵ Lembra Célia Bertin que «dans tous les souvenirs de cette période de sa vie, Louise rapporte, sans le signaler, une distance étrange entre ce qu'elle accomplit et l'attitude de sa famille qui la traite comme une adolescente irresponsable», (Célia Bertin, *Louise Weiss*, *cit.*, p. 80).

¹⁶ Louise Weiss, *Mémoires d'une Européenne...*, *cit.*, t. I, p.226.

A utopia de uma “Europa Nova”

O encontro casual com Milan Stefanik (1880-1919) despertou em Louise uma paixão amorosa, mas também a paixão pela causa checa. Filho de um pastor protestante, Stefanik estudou em Praga e fez os seus estudos em astronomia, matemática e seguiu o curso do filósofo Thomas Masaryk (1850-1937). Desde 1901, ele escreve em revistas liberais, nacionalistas, e empenha-se na luta pela independência dos checos. Em 1912, Stefanik, para fugir à pressão húngara e ao domínio dos Habsbourg, parte para França e, em Paris, pede a nacionalidade francesa. E criou aí, com Thomas Masaryk e Edvard Benès (1918-1935), o Conselho Nacional dos Países Checos. O encontro com os refugiados políticos checos é recriado pela memória de Louise Weiss. A sua admiração por Thomas Masaryk espelha-se explicitamente nas suas palavras: «ce grand maître de la pensée démocratique, ce révolutionnaire contempteur d’un ordre datant de Charles Quint». Eles seriam os fundadores da futura república checa. O Estado checo independente foi reconhecido em 3 de Setembro de 1918 pela Inglaterra e pelos Estados Unidos, depois pela França e pela Itália.

É um crescente e forte ardor político que alimenta em Weiss particular ensejo em trabalhar como «publicista». Aliciava-a, então, um projecto – criar uma revista política com o título *L’Europe Nouvelle*¹⁷. De facto, o seu primeiro número é dado a público em 12 de Janeiro de 1918. À maneira das revistas britânicas da época, com cinquenta e seis páginas e duas colunas, com o sumário programático na capa, também esta ilustrada com uma bola alada – a Terra – que voa no Cosmos, *L’Europe Nouvelle* perdurará até 1934.

O armistício entra em vigor a 11 de Novembro e, a 14 de Dezembro de 1918, Louise Weiss encontra-se, em Paris, com o Presidente Woodrow Wilson (1856-1924). A sua alocução sobre a paz entusiasma-a. É então, em 1919, depois da assinatura do Tratado de Versalhes, em 28 de Junho, que Louise Weiss parte para a sua viagem à Checoslováquia¹⁸. Move-a uma vontade inflamada de conhecer a nova geografia política da Europa central. Tem uma clarividente noção da importância nodal dos novos países, dos seus povos, dos

¹⁷ Louise Weiss deixou a sua colaboração no periódico *Le Radical* para trabalhar com Hyacinthe Philouze, jornalista colaborador de folhas periódicas como o *Nouvelliste* e a página financeira do *Journal*. A ele se refere Weiss como bom profissional que a ensinou «à rédiger... à m’introduire de force dans les cercles où naissaient les évènements» (Louise Weiss, *Mémoires d’une Européenne...*, cit., t. I, p. 250).

¹⁸ Como relata Célia Bertin, Louise Weiss toma o comboio para Praga: «Ce premier voyage, elle s’entrepren dans l’angoisse. Elle pense à son amour mort [Milan Stefanik morre a 4 de Maio de 1919 num acidente de avião], à ces rêves qu’elle ne peut oublier, aussi aux déceptions apportées par le cortège d’erreurs de jugement qui ont présidé aux traités de paix» (Célia Bertin, *ob. cit.*, p. 110).

seus dirigentes, para o necessário equilíbrio e para a desejada paz na Europa. Consciente das permanências, das mutações, mas também das fracturas, a jornalista Weiss documenta as suas impressões em *L'Information* e no *Petit Parisien*. De Praga à Eslováquia, da Boémia aos Cárpatos, de Budapeste a Viena, depois em Varsóvia, Louise Weiss deixa-nos uma diegese circunstanciada dos eventos, retrata-nos personagens sem deixar de confessar o seu credo de convicta republicana. Nem totalmente objectiva, nem sempre imparcial, ela denuncia o seu empenhamento político, a sua visão crítica e a sua compreensão do presente vivido. Assim o refere nestas palavras: «D'ailleurs mes voyages devaient assez rapidement me persuader qu'en matière de doctrine politique l'alternative était la suivante : ou bien les hommes étaient faits pour les principes et donc modélés, contraints, conduits, voire occis au nom de ces principes... Ou bien les principes étaient faits pour les hommes, afin de les développer, de les protéger, de les reconforter, de les aider à mourir dans leur lit. Alors que vivent les valeurs morales des libres démocraties, celles de choix individuel, continu, délibéré»¹⁹.

Como escreve a propósito do discurso do presidente Wilson, o único meio é o de «faire la guerre à la guerre». Louise Weiss percorre uma Europa partilhada, uma Europa que, a seu ver, e nas suas palavras, perdera o seu carácter «de família». Testemunha ocular das ocorrências, conhecedora dos problemas da Europa central, Weiss regressa a Paris e recupera a sua actividade jornalística em *L'Europe Nouvelle*.

Este hebdomadário tinha então como objectivo primordial, e bem definido, estimular o combate pela segurança, pela paz, pelo equilíbrio, pela justiça. Era também nesta linha que Weiss concebia a recém-criada Sociedade das Nações que reuniu o seu primeiro conselho, em Paris, em Janeiro de 1920. A seu ver, a Sociedade das Nações era uma organização internacional nova. Assim sendo, era preciso familiarizar o público com esta concepção democrática de regulação de conflitos entre nações²⁰.

A jovem directora de *L'Europe Nouvelle* rodeia-se de colaboradores que viriam a exercer cargos políticos de destaque durante a IV República francesa. Entre outros, Roger Auboin, René Massigli ou ainda de redactores ocasionais, de que são exemplo Aristide Briand, Léon Blum, Paul Valéry. No livro de memórias *Combats pour l'Europe*, a jornalista dá-nos conta do seu envolvimento na política internacional, do núcleo de escritores, homens políticos e artistas com que se reunia no seu gabinete, na rue de Lille, em Paris, ou que conhecera no curso das suas viagens a Belgrado, a Budapeste, a Berlim, a

¹⁹ Louise Weiss, *Mémoires d'une Européenne*, cit., t. II, *Combats pour l'Europe 1919-1934*, Paris, Albin Michel, 1979, p. 48.

²⁰ É sua preocupação insistente seguir a evolução da Sociedade das Nações (SDN) e antecipar nos seus artigos, em *L'Europe Nouvelle*, as decisões a tomar, questionando os fins a atingir.

Riga e a Moscovo, em 1921²¹. Aqui conheceu Trotski, a quem consagra páginas interessantes das suas *Mémoires*; encontrou-se com Alexandra Kollontai, militante e activista da secção feminina do comité central do partido comunista, e assistiu aos espectáculos de dança da célebre Isadora Duncan. Retornaria a Moscovo em 1922, mas manteve a sua atitude crítica ao regime soviético e não se converteu à ideologia comunista. Ela própria confessa: «non, les communistes ne pouvaient pas compter sur moi. Je les laisserais à leur monde inexorable où les hommes n'étaient que les souffre-douleur d'un irréalisme supérieur. La matérialiste, c'était moi»²².

A complexidade da situação internacional levava Aristide Briand (1862-1932) a deslocar-se aos Estados Unidos enquanto a sua amiga Louise Weiss se encontrava na Rússia. O britânico John Maynard Keynes (1883-1946) publicara a sua obra *The Economic Consequences of the Peace*.

Durante este período, a Europa que Louise Weiss sonhava ainda não se consumara. Em comunhão com Aristide Briand partilhava a mesma concepção de pacifismo. Com este «apóstolo da paz» participa nas reuniões internacionais e secunda os seus ideais – segurança pela arbitragem, reconciliação, segurança colectiva. Antes de Richard Coudenhove-Kalergi ter publicitado os seus primeiros apelos à unidade europeia, ocorre a Conferência internacional de Génova. A paz no mundo e na Europa continuava a ser a preocupação maior de Louise Weiss. Não admira, portanto, que o acalorado discurso de Briand, na Assembleia plenária da SDN, em 1 de Outubro de 1924, ao evocar a necessária reconstrução da paz europeia mediante a assinatura de um protocolo franco-britânico que visava a arbitragem, a segurança e o desarmamento, tivesse sido rememorado por Weiss nestas palavras de admiração: «je vis Aristide Briand composer son personnage de Pélerin de la Paix... Son nouvel avatar de Pélerin de la Paix ne résultait pas d'une métamorphose, mais d'un accomplissement. Si les hommes voulaient éviter les guerres, il les y aiderait de toutes les forces de sa nature contemplative que la politique avait contrainte à l'action»²³. E acrescenta que, por esta razão, se reaproximou do amigo Briand, colocando-se modestamente ao seu serviço²⁴.

Os acordos de Locarno, em 1925, cimentam a reconciliação franco-alemã. Briand, ao recordar esse momento na declaração na Câmara dos

²¹ «Les souvenirs de ce voyage à Moscou... forment un des passages les plus attachants de ses *Mémoires*» (Célia Bertin, *ob. cit.*, p. 152). Veja-se Maria Manuela Tavares Ribeiro, «A Europa dos Intelectuais nos alvares do século XX», *Estudos do Século XX*, n.º 2, CEIS20, *Europa-Utopia/Europa-Realidade*, coord. de Maria Manuela Tavares Ribeiro, Coimbra, Quarteto Editora, 2002, pp. 111-133.

²² Louise Weiss, *Mémoires d'une Européenne*, t. II, *cit.*, pp. 177-179.

²³ Louise Weiss, *Mémoires...cit.*, t. II, *Combats pour l'Europe*, pp. 217-218.

²⁴ *Idem, ibidem*, p. 217.

Deputados, relembra: «J'y suis allé et nous avons parlé européen. C'est une langue nouvelle qu'il faudra bien que l'on apprenne»²⁵. Após a admissão da Alemanha à SDN, em 8 de Novembro de 1926, e na recepção oficial do novo membro naquela reunião internacional, Gustav Stresemann (1878-1929) e de imediato Briand exaltam o fim de encontros dolorosos e sangrentos. É o momento da conciliação e da paz. Não admira, portanto, que em Dezembro de 1926, Aristide Briand e Stresemann tenham recebido o Prémio Nobel da Paz. Dois anos mais tarde, a 27 de Agosto de 1928, assinava-se o pacto Kellogg-Briand no Salon de l'Horloge do Quai d'Orsay, em Paris. O apelo à união dos europeus, em Setembro de 1929, por um «lien fédéral», é preparado por Briand como laço de solidariedade entre as nações.

Mas Louise Weiss prefere partir para os Estados Unidos e, em Nova Iorque, participa numa série de conferências organizadas pela Foreign Policy Association. Aí convive com Richard de Coudenhove-Kalergi, como ela própria define, «l'étrange et charmant bâtard gréco-autrichien métissé de japonais qui avait inventé le terme *Pan-Europe*»²⁶.

Tempos difíceis se avizinhavam. E a morte de Aristide Briand foi para alguns, como para Louise Weiss, uma catástrofe no processo de construção da paz.²⁷

O título da sua revista, *L'Europe Nouvelle*, é, a um tempo, uma bandeira e um programa. A bandeira que agita e simboliza a ideia de uma *Europa Nova*. Um programa, porque define muito objectivamente o seu intuito e a sua *praxis* – a informação rigorosa, e mesmo científica, sobre a conjuntura internacional, sobre as políticas externas, sobre os problemas económicos e a sua importância fundamental na (re)construção europeia.

Com *L'Europe Nouvelle*, Louise Weiss procura apresentar um método e simultaneamente um instrumento de trabalho a todos quantos querem construir a paz na Europa e no mundo. São claras as suas intenções quando afirma: «une méthode—elle écrit—qui fait de la politique une science, la science de la paix fondée sur l'exacte connaissance des faits. Cette science doit être l'instrument qui, d'une part, étudie la connaissance des moyens favorisant les pro-

²⁵ A. Briand, *Discours devant l'Assemblée Générale de la SDN*, 5 septembre 1929. O pacto de Locarno criaria condições de paz para a Europa. Veja-se Gérard Bossuat, *Les fondateurs de l'Europe unie*, Bruxelles, Éditions Belin, 2001 e *Le Plan Briand d'Union fédérale européenne*, édité par Antoine Fleury et Lubor Jílek, Bern, Peter Lang, 1991.

²⁶ Louise Weiss, *ob. cit.*, t. II, pp. 282 e ss.

²⁷ Louise Weiss, *ob. cit.*, t. II, pp. 293-294, p. 315. Veja-se Corinne Rousseau, «Louise Weiss. L'Europe et la paix durant l'entre-deux-guerres», in *Louise Weiss. L'Européenne*, cit., pp. 228-229. Veja-se ainda Hélène d'Encausse, Othon de Habourg, Pierre Pflimlin, Jacques Delors, *Louise Weiss*, Lausanne, Fondation Jean Monnet, Centre de recherches européennes, 1989.

grès de la coexistence pacifique et, d'autre part, contribue à former des gens mieux qualifiés en matière de prévention de guerre»²⁸.

A nova Escola da Paz

A morte de Aristide Briand foi, como já referi, um acontecimento trágico na vida de Louise Weiss. De facto, os apelos de Briand deram maior alento ao seu ardor pacifista. Assim sendo, não lhe bastava já a palavra como jornalista e directora de *L'Europe Nouvelle*. Mais vital do que nunca era atingir um público mais alargado, influenciando a opinião pública. Por que não uma Escola? Esta seria espaço de informação e de formação de cultura para a Paz. Completar-se-ia, desta forma, a função didáctica do jornal com o ensino superior. Assim, a *Nouvelle École de la Paix* foi inaugurada em 3 de Novembro de 1930. E foi um membro da Academia das Ciências, e então Presidente do Conselho de Administração do Instituto Internacional de Cooperação Intelectual, Paul Painlevé, que pronunciou a alocução de abertura. Sob a égide de Aristide Briand, a *Nouvelle École de la Paix* tornou-se palco de sessões de magistério e de debate com conferencistas de renome internacional²⁹.

Louise Weiss exercia, ela própria, na sua escola, a arte da comunicação com particular mestria. Temas como a Sociedade das Nações, a construção da “união europeia”, o desarmamento, a paz, a união aduaneira eram discutidos por especialistas. Fazia-se ouvir igualmente a voz dos poetas e a palavra dos escritores: Paul Valéry, André Chamson, Jean Prévost, Julian Benda. Em 1932, as questões políticas da Alemanha, da Europa central, da política externa britânica, das relações com os Estados Unidos foram objecto de conferências de Élie Halévy, professor da *École libre des Sciences politiques*, André Siegfried (professor de economia política), de M. Tchlenoff (conselheiro jurídico soviético). E em 26 de Fevereiro de 1934, Julien Benda falava sobre “Hitler et les valeurs morales”.

Louise Weiss escrevia em 3 de Fevereiro de 1934 o seu último artigo

²⁸ Louise Weiss, *Mémoires d'une Européenne*, t. III, *Combats pour les femmes 1934 – 1939*, Paris, Albin Michel, 1979, p.7. Veja-se também Marianne Walle, «Louise Weiss, l'Européenne: Actrice et grand témoin de la mutation déchirante du vingtième siècle», in *L'identité culturelle, laboratoire de la conscience européenne. Actes du Colloque international organisé à l'Université de Franche – Comté les 3,4 et 5 Novembre 1994*, réunis et édités par Marita Gilli, Paris, Diffusion Les Belles Lettres, 1995, pp. 129-136.

²⁹ Foram muitos os delegados da SDN, como muitos foram os políticos, intelectuais, diplomatas e estudantes que passaram pela instituição, de formação variada e de quadrantes políticos diversos. Entre outros nomes, pode referir-se o de Léon Blum, André Gide, Georges Duhamel, Bertrand de Jouvenel, Jules Romains, Pierre Drieu la Rochelle.

editorial no jornal *L'Europe Nouvelle*. Nele espelha o percurso da Europa durante dezasseis anos, que não era, de facto, a Europa Nova que ela desejava e pela qual lutava. O seu texto “Adieux aux lecteurs” é um lamento confesso do seu desencanto profundo. Como refere Célia Bertin, «Ce devoir de paix auquel elle avait cru, elle ne pourra pas l’accomplir».³⁰

Também a precipitação dos acontecimentos políticos em 1939 fariam sossobrar a actividade da *Nouvelle École de la Paix*.

O apostolado feminista

A ex-directora do jornal *L'Europe Nouvelle*, entregar-se-ia à causa feminista em 1934. Uma outra luta que atrairia, como bem gostava, a atenção do público. Pretendia reparar a injustiça da condição feminina. A sua experiência como estudante universitária comprovara-lhe, desde cedo, a situação política da mulher.

Sublinhe-se, porém, que a relação de Louise Weiss com as mulheres não era fácil. Não a preocupava particularmente a mulher do povo e as mulheres de classes sociais mais favorecidas não lhe suscitavam qualquer indulgência.

O seu apostolado feminista vai-se centrar particularmente na questão do direito de voto da mulher. Combate, sim, pela igualdade civil e política. Distancia-se das associações feministas e funda a sua própria Associação para a Igualdade dos direitos civis entre franceses e francesas – *La Femme nouvelle* – criada oficialmente em 6 de Outubro de 1934. Apresentará a sua candidatura às eleições municipais, em Paris, em Montmartre, em Maio de 1935. Mas a feminista Weiss, como já referi, não deixava nunca de se interessar pelo destino da Europa. Na verdade, em 1937, como recorda nas suas *Mémoires*, estava bem persuadida que as reivindicações feministas estavam ultrapassadas. A seu ver, era já demasiado tarde para obter a igualdade de direitos. Por outro lado, a situação catastrófica provocada pela II Guerra Mundial estimulará, uma vez mais, o seu ardor patriótico e o seu sentimento de solidariedade. Nesse sentido, Louise Weiss cria, em 1939, um Comité de Refugiados. Em 1945, funda com Gaston Bouthoul o Instituto de Paleologia, com sede em Londres³¹. Coopera com o movimento de Resistência *Patriam Recuperare*. Nesse mesmo ano, assiste como jornalista aos julgamentos em Nuremberga. Depois, durante duas décadas, ela viaja pelo mundo. Longas e distantes viagens pelo Canadá, México, Estados Unidos, Japão, China, Cambodja, Síria,

³⁰ Célia Bertin, *Louise Weiss*, Paris, Albin Michel, 1999, p. 210.

³¹ François Saint-Ouen, *Les grandes figures de la construction européenne*, Genève, Georg Editeur, 1997, pp. 53-77.

depois por vários países do continente africano. Viagens que lhe propiciam a observação do *Outro*: dos seus costumes, das suas religiões, enfim, das relações Ocidente–Oriente. Ainda, de 1951 a 1966, acompanhada pelo cineasta Georges Bourdelon, ela realiza filmes – documentários, registos das suas “impressões” de viagem, dos povos, das civilizações, das culturas³². Uma das particularidades de Louise Weiss e, em geral, dos viajantes é a utilização do espaço da viagem como lugar de experimentação, de encontro ou de confronto com o *Outro*³³. A busca incessante da alma das civilizações e dos povos alimentou a sua curiosidade e estimulou a sua incerteza constante sobre o tempo presente – o dos movimentos descolonizadores e de todo o processo de metamorfose da construção da Europa. Com efeito, pode afirmar-se que “a união da Europa” era, para Louise Weiss, o farol possível, o farol necessário para o mundo, no mundo que se perdia.... Weiss apercebia-se, com particular perspicácia e inteligência, das ameaças do seu tempo³⁴.

Um combate pela Europa

Eleita para o Parlamento Europeu, por sufrágio universal, em 1979, Weiss, gaullista, proferiu então o discurso de abertura que intitulou sugestivamente *Un combat pour l'Europe*. «Doyenne d'âge, elle a l'honneur de présider, le 17 juillet 1979, la séance inaugurale de la nouvelle Assemblée démocratiquement élue. Son discours – qui met l'accent sur l'histoire, la culture et les diversités fécondes de l'Europe – n'a pas les accents lénifiants du technocratisme mou que l'on reproche parfois aux institutions communautaires».³⁵

De facto, Louise Weiss, durante a sua longa vida, teve uma participação activa e militante a que se consagrou sucessivamente em vários combates. Nas palavras de Andrée e Hubert Martin, “... Weiss a eu une existence à thèmes, auxquels elle se consacrait autant par choix que par conviction»³⁶. Combate pela paz total, numa visão a um tempo realista e idealista da Europa e do mun-

³² Célia Bertin, *ob. cit.* pp. 261-482. Leia-se também Louise Weiss, *Mémoires d'une Européenne, cit.*, t. VI, *Tempête sur l'Occident, 1945 – 1975*, Paris, Albin Michel, 1976.

³³ Veja Jean-Xavier Ridon, *Le Voyage en son miroir. Essai sur quelques tentatives de réinvention du voyage au 20^{ème} siècle*, Paris, Éditions Kimé, 2002, pp. 9-20.

³⁴ Em 1975, Louise Weiss escrevia: «L'Europe: elle se sait une âme. Or, elle ne parle que serpents, cochons et vinasse. Le serpent est monétaire». E em 1979 reforça esta mesma ideia: «Les institutions communautaires ont fait des betteraves, du beurre, du fromage, des vins, des veaux, voire des cochons européens. Elles n'ont pas fait d'hommes européens» (*Mémoires d'une Européenne*, t. VI, *Tempête sur l'Occident, cit.*, p. 512).

³⁵ François Saint-Ouen, *ob. cit.*, p. 75.

³⁶ Andrée et Hubert Martin, «Louise Weiss toujours avec nous», in *Louise Weiss. L'Européenne, cit.*, pp. 546-548.

do. Para Weiss, a paz não era apenas a não violência, mas era também o meio de impedir que conflitos latentes deflagrassem em destruidoras guerras. Lutou com ardor pelo voto das mulheres, não hesitando, todavia, em assumir posições pessoais menos consonantes com as de muitas sufragistas dos anos 30.

A vida da Europeia Louise Weiss centrou-se em três pólos: combate pela paz, combate pelo voto feminino e combate pela construção da Europa. Assim, é autora, entre outras obras, das *Mémoires d'une Européenne: Combats pour l'Europe 1919 – 1934*, *Combats pour les Femmes 1934 – 1934*, *La Marseillaise*, *Le Voyage enchanté*, *Tempête sur l'Occident*, *Dernières Voluptés*.

A sua obra é um manancial rico de informações e revela-se um testemunho crítico do processo de construção europeia e das relações Europa – Mundo ao longo do século XX.³⁷

À luz do que foi dito, pode reafirmar-se que um desejo permanente estimulou sempre a força anímica de Weiss – “participer à l’aventure de son siècle”. Assim foi para esta mulher que se queria *Louise l'Européenne*.

³⁷ Louise Weiss recebeu o Prémio Robert Schuman (1978) e a medalha de ouro pelas suas *Mémoires* e, entre outros títulos, foi agraciada com o Grand Commandeur de La Légion d'Honneur.

Separata
CULTURA – Revista de História e Teoria das Ideias
Vol. XXII (2.ª Série)